

Morte de bebês se repete em hospital do Ceará

Depois da Maternidade Assis Chateaubriand, é a vez do Hospital Geral de Fortaleza, onde morreram dez crianças este mês

Leticia Lins

• RECIFE. Depois da eclosão do escândalo das mortes de 60 bebês em apenas um mês na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, o Ceará voltou ontem a ser palco de nova tragédia. Desta vez o problema é na maternidade do Hospital Geral de Fortaleza, administrado pelo Governo, onde em dezembro foram registrados dez óbitos em 42 partos. A quantidade de mortes é bem maior do que a registrada em novembro: três em 39. O motivo das mortes, a exemplo do que ocorreu na Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, é a superlotação de leitos destinados a bebês de médio e alto risco de vida.

A denúncia foi feita pela chefe do Centro de Neonatologia do hospital, Tereza Feitosa. Ela disse que, embora a maternidade tenha capacidade para receber 14 bebês, em dezembro foi obrigada a atender a 20 e não teve condições de dar um tratamento adequado aos recém-nascidos. A maternida-

de tem somente quatro leitos na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), mas a demanda diária varia entre sete e dez. Os bebês precisam de incubadoras, respiradores e outros equipamentos de emergência que não existem em quantidade suficiente.

— Resolvemos não calar mais, porque o silêncio pode parecer convivência com uma situação dessas. Para o médico, que deve lutar para salvar vidas, é profundamente estressante ter que conviver, a cada momento, com a dura realidade de uma morte anunciada. Os obstetras e pediatras pressionam a direção do departamento, querem atender, mas não têm condições. Para o médico, é muito triste e revoltante ter que se deparar com situações como essas, assistindo à morte de bebês à míngua. Você vê o bebê se sentindo mal, quase morrendo, e não tem condições de atender a todos — disse.

Tereza contou que os problemas se agravaram depois do escândalo na Maternidade-Escola

Assis Chateaubriand. Como a instituição passou a receber gestantes apenas no limite de sua capacidade, as outras maternidades públicas que têm leitos de alto e médio risco agora também estão com superlotação.

— O nosso serviço era considerado como de referência e de qualidade, mas, com a superlotação, o percentual de mortes de bebês passou a crescer — afirmou.

Segundo Tereza, os hospitais particulares conveniados com o Sistema Único de Saúde (SUS) se recusam a atender a gestantes de alto e médio risco, porque dizem não ter condições de arcar com as despesas, já que o Ministério da Saúde lhes paga quantias irrisórias. Por causa disso, as unidades atendem casos simples e despacham os complicados para as maternidades públicas.

— No nosso caso, por exemplo, já atendemos a mães que passaram por verdadeira peregrinação. Elas vão a três ou quatro maternidades e terminam na nossa porta. Não podemos deixar de aten-

der, mas tememos que ocorram tragédias como a da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand — disse Tereza.

A subsecretária de Saúde do Ceará, Francisca Tati de Andrade, informou que o estado vem equipando as maternidades públicas da Grande Fortaleza. A Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, por exemplo, apesar de pertencer à Universidade Federal do Ceará, acaba de ganhar mais sete leitos para bebês de alto risco, elevando a oferta para 20. Também recebeu incubadoras, respiradores, oxímetro de pulso e outros equipamentos indispensáveis para bebês prematuros ou com doenças congênitas.

Até o mês passado, Fortaleza tinha apenas 34 leitos para bebês de risco, quando a demanda diária era de 65. O governador Tasso Jereissati (PSDB), então, anunciou a liberação de R\$ 471 mil para suprir a carência, mas o processo de reestruturação ainda não foi completado.

O secretário de Saúde do Ce-

ará, Anastácio Queiroz de Souza, no entanto, afirmou que as mortes no Hospital Geral de Fortaleza estão dentro do esperado e que houve exagero de Tereza.

— Não há nada de anormal acontecendo no estado e as mortes de bebês prematuros registradas no Hospital Geral de Fortaleza são inferiores às registradas em outras unidades públicas. Estamos trabalhando para que não se repitam mortes potencialmente evitáveis, mas há muitos casos entre esses que a medicina não pode evitar — afirmou.

Souza disse que fez um acordo com a direção da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand para que durante três meses ela continuasse atendendo a todas as gestantes que a procurassem.

— Era o período de que precisávamos para equipar as demais. Assim mesmo, fornecemos leitos de risco à Maternidade-Escola Assis Chateaubriand em caráter de emergência. Mas, por excesso de cautela, a maternidade não recebe mais acima de sua capacidade.

Ou seja, não cumpriu o acordo que fez conosco e as outras maternidades do sistema vêm sendo prejudicadas com essa cautela excessiva — explicou.

Na verdade, a Maternidade-Escola Assis Chateaubriand está tentando evitar problemas. O diretor do hospital, Chagas de Oliveira, foi indiciado em inquérito policial, instaurado a pedido da Procuradoria de Justiça.

“As gestantes rodavam todas as maternidades, não eram atendidas e terminavam aqui. Eu ia deixar de atender? Ia deixar que morressem na calçada ou que as crianças nascessem no meio da rua?”, alegou, na época, com uma declaração parecida com a de Tereza hoje.

Segundo o secretário, desde a eclosão do problema da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand, já foram ofertados mais 18 leitos de médio e alto risco para as maternidades de Fortaleza. Mesmo assim, a capital ainda se ressentia de um déficit de 13 leitos para bebês prematuros. ■